

adotam políticas e práticas que dêem suporte e tratamento digno e justo aos empregados e se reforçam valores organizacionais que promovam um ambiente propício à inovação e à criatividade, com maior autonomia. Os resultados do estudo permitem concluir que o bem-estar e a saúde no trabalho sofrem flutuações decorrentes de transações típicas das trocas sociais entre empregado e organização, expressadas via valores, suporte e justiça.

FORMAÇÃO DOCENTE: SABERES E PROFISSIONALIDADE

Maristela Pedrini (maristelap@terra.com.br)¹ & Marília Morosini²

¹Universidade do Porto; ²Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil

O presente trabalho tem como objetivo apresentar reflexões e construções teórico-acadêmicas sobre o tema Formação de Professores na Educação Superior, em aspectos tais como paradigmas sobre o Professorado, educação e sociedade; Políticas educativas e profissionalidade docente; Saberes docentes e dimensões da profissionalidade do professor; qualidade de vida e promoção da saúde do professor; e autonomia docente". São abordados autores como Antonio Novoa, José Contreras, Peter Knight, Carlinda Leite, Saul Neves de Jesus, Marília Morosini e Maurice Tardif. Tal estado de conhecimento fundamenta o entendimento de trajetórias de docentes do ensino superior no Brasil, a partir da investigação de narrativas de professores. Após discorrer sobre a teorização e as apropriações oportunizadas pelas leituras sobre a temática buscamos evidenciar a contribuição desse espaço universitário na construção dos saberes necessários à docência e dos aspectos imbricados na saúde e profissionalidade docente. Propõe-se que pensar o professor como alguém com saberes requer repensar a relação entre a teoria e a prática educacional e requer ainda, repensar a profissão de professor desde a Educação Infantil à Universidade, sua formação continuada para a preservação da vitalidade docente. Tal concepção centra epistemologicamente seus estudos nos saberes dos atores em seu

RELAÇÃO ENTRE VARIÁVEIS SOCIO-DEMOGRÁFICAS, CLÍNICAS, RELACIONADAS COM A CADEIRA DE RODAS, SUPORTE SOCIAL E AUTO-EFICÁCIA COM A FELICIDADE SUBJECTIVA DOS UTILIZADORES DE CADEIRA DE RODAS

Anabela Martins (anabelaacmartins@estescoimbra.pt)^{1,2} & José Pais Ribeiro²

¹ESTS, Coimbra/Instituto Politécnico de Coimbra; ²FPCE, Universidade do Porto

Nas sociedades ocidentais, a felicidade, genericamente definida como bem-estar subjectivo (Lyubomirsky & Lepper, 1999) é uma das metas a atingir, tanto ao nível individual como ao nível social. Nas últimas décadas, vários autores têm demonstrado que, por vezes, esta está positivamente associada a circunstâncias de objectiva dificuldade, acontecimentos trágicos ou de falta de conforto e que circunstâncias opostas estão associadas negativamente. Estes resultados têm suscitado o interesse crescente da investigação dos fenómenos subjectivos na felicidade. É objectivo deste estudo analisar, numa amostra de pessoas utilizadoras de cadeira de rodas, a relação de variáveis socio-demográficas, clínicas, relacionadas com a cadeira de rodas utilizada, suporte social e auto-eficácia com a felicidade subjectiva. A amostra de conveniência, é composta por 103 indivíduos, com diversos diagnósticos, 31.10% mulheres, idade $M=36.74$, educação formal $M=9.66$ anos. Os dados foram recolhidos através da versão portuguesa da Subjective Happiness Scale, a Escala de Suporte Tangível de 4-Itens, adaptada da Medical Outcomes Study (MOS) Social Support Survey Scale, a Escala de Satisfação com o Suporte Social, a Escala de Auto-Eficácia para Utilizadores de Cadeira de Rodas e um questionário para recolha de dados socio-demográficos, clínicos e relacionados com a cadeira de rodas. Os resultados mostram que a ocupação actual, a região onde habita, o diagnóstico (ANOVA), a situação socio-familiar

(t Student), a educação formal, a auto-eficácia e a satisfação com o suporte social (socio-emocional) (correlações) apresentam valores estatisticamente significativos com a felicidade subjectiva. Não foram encontradas relações estatisticamente significativas com idade, tempo de diagnóstico, tempo de uso da cadeira de rodas e apoio social tangível, nem diferenças estatisticamente significativas entre grupos, quanto ao género, tipo de cadeira de rodas, participação na escolha, treino realizado por profissionais e estado civil.

A INFLUÊNCIA DO OPTIMISMO E ESPERANÇA NA PERCEÇÃO DE DISTRESS COM A SAÚDE EM INDIVÍDUOS COM ESCLEROSE MÚLTIPLA

Lúcia Pedro (luisa.pedro@estesl.ipl.pt)^{1,2} & J. Pais-Ribeiro³

¹ESTES, Lisboa; ²FPCE, Universidade do Porto

O impacto das doenças crónicas de incapacidade progressiva, como é o caso da esclerose múltipla, são susceptíveis de provocar situações de distress devido às dificuldades e adversidades inerentes à doença

O optimismo disposicional e a esperança traço são características da personalidade que se focalizam nas expectativas positivas em relação ao futuro. Estes factores podem ser facilitadores na implementação de estratégias, que minimizarem os factores de stress. Este estudo tem como objectivo descrever a influência do optimismo e da esperança na percepção de distress com a saúde, em indivíduos com esclerose múltipla. Utilizou-se a escala da LOT-R para avaliar o optimismo e a escala HOPE traço para a esperança. A dimensão "distress com a saúde" foi avaliada através da sub escala com esse mesmo nome, integrada na escala MSQOL-54. Participaram 280 indivíduos com esclerose múltipla (71,4%) mulheres, com idade $M=39,23$, escolaridade $M=11,8$, estado civil (60,7%) casadas e (64,6%) trabalham activamente. Os resultados mostram que na análise de correlação entre distress com a saúde e o optimismo e esperança, correspondem aos valores de $r=0,50$; e de $r=0,52$ respectivamente. Concluímos que o optimismo e a esperança são factores que influenciam a percepção de distress com a saúde nos indivíduos com esclerose múltipla

CARACTERIZAÇÃO PSICOSSOCIAL DOS DOENTES COM PATOLOGIA NA COLUNA VERTEBRAL DO CENTRO HOSPITALAR DE TORRES VEDRAS

Catarina Severiano e Sousa (catarinaseveriano@gmail.com)¹,

José Pais Ribeiro², & Eduardo Pegado¹

¹Centro Hospitalar de Torres Vedras; ²FPCE, Universidade do Porto

A patologia da coluna vertebral suscita respostas e reacções físicas e psicológicas variadas, principalmente quando envolve tratamento cirúrgico. A doença e o tratamento são susceptíveis de comprometer o bem-estar dos indivíduos. O objectivo do presente estudo é identificar as variáveis psicológicas associadas ao regresso à vida activa em doentes deste tipo. Participaram 55 indivíduos com patologia na coluna vertebral que foram operados há pelo menos oito meses, idade $M=45,8$ anos, 29% sexo masculino, que constituem uma amostra sequencial. Responderam ao Questionário de Personalidade Tipo D de Dennolet na versão revista de 14 itens distribuídos por duas dimensões, ao questionário de afecto positivo (11 itens) que constitui uma dimensão do questionário de saúde mental de 38 itens, ao questionário de Sentido Interno de Coerência que inclui 29 itens distribuídos por três dimensões, e ao questionário de funcionalidade de Oswestry que permite classificar os indivíduos em cinco categorias de funcionalidade desde disfuncionalidade mínima até incapacidade total. Para avaliar o regresso à vida activa foi

construído um questionário de cinco itens (consistência interna de 0,78). Os resultados mostram que as variáveis que se correlacionam de modo estatisticamente significativo com o regresso à vida activa são, por ordem de magnitude, a funcionalidade, a significabilidade, pertencente ao questionário Sentido Interno de Coerência, a afectividade negativa da personalidade tipo D, e a compreensibilidade do questionário Sentido Interno de Coerência. Em conclusão podemos afirmar que as variáveis psicossociais consideradas fornecem uma pista para o apoio psicológico a fornecer aos doentes nestas condições visando o seu regresso à vida activa, na medida em que indica as que são, provavelmente, mais importantes, e por isso podem ser escolhidas para intervenção pela equipa multidisciplinar.

EXPLORAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE MENOPAUSA NUMA AMOSTRA DE MULHERES PORTUGUESAS

Filipa Pimenta (filipa_pimenta@ispa.pt)¹, Isabel Leal¹, & Jorge Branco²

¹Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa; ²Maternidade Alfredo da Costa, Lisboa

A literatura da especialidade tem conceituado o fenómeno da menopausa de uma perspectiva bio-médica (examinando os sintomas físicos decorrentes da diminuição dos níveis de estrogénios) ou incidindo de forma sistemática nos sintomas psicológicos evidenciados como causadores de mal-estar significativo. Contudo, em algumas investigações, é evidenciado que esta transição é igualmente definida por experiências positivas e valorizadas. O presente estudo pretende explorar de uma forma mais alargada a experiência pessoal de peri e pós-menopausa e analisar como é conceituada a menopausa num grupo de mulheres portuguesas com idades compreendidas entre os 45 e os 65 anos. Com este intuito conduziu-se trinta e quatro entrevistas, utilizando uma amostragem de conveniência e procedendo posteriormente à respectiva análise de conteúdo. Verifica-se que as experiências da menopausa são diversas, apresentando, contudo, alguns aspectos comuns no seio do grupo de mulheres entrevistadas.

ENVIESAMENTOS DE SEXO NOS JULGAMENTOS SOBRE DOR: OS EFEITOS DA DURAÇÃO DA DOR E MANIFESTAÇÃO DE ANSIEDADE

Sónia F. Bernardes (sonia.bernardes@iscte.pt) & Maria Luísa Lima

Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa/Centro de Investigação e Intervenção Social

Evidências sugerem que a dor nas mulheres é frequentemente mais desvalorizada e sub-tratada por profissionais de saúde comparativamente com a dor nos homens (Hoffman & Tarzian, 2001). No presente estudo procurámos evidenciar a contextualidade de tais enviesamentos de sexo, ao mostrar que certos contextos (ex., presença de dor crónica vs. aguda) e/ou formas de apresentação da dor (ex., com vs. sem ansiedade) podem aumentar ou diminuir a probabilidade da ocorrência dos mesmos. Participaram no presente estudo 198 estudantes de enfermagem (cerca de 45% homens; *M* idade=20,51), tendo este tido um plano quase-experimental inter-sujeitos - 2 (duração da dor) x 2 (manifestação de ansiedade) x 2 (sexo do/a paciente) x 2 (sexo do/a participante). A cada um/a do/as participantes foi apresentado um cenário onde um/a paciente entrava num serviço de urgências com uma queixa de dor lombar, através do qual eram manipuladas as variáveis independentes acima referidas. Face ao cenário, o/a participante efectuava uma série de julgamentos sobre a severidade, grau de interferência, credibilidade da dor e urgência de atendimento. Resultados preliminares mostram que a dor apresentada pelo homem, comparativamente com a da mulher, é percebida como mais credível, e necessitando de atendimento médico mais urgente. Todavia, tais enviesamentos de sexo surgem apenas quando a dor é de curta duração. A manifestação de ansiedade parece também afectar, embora de forma

tendencial, a forma como estudantes de enfermagem julgam a dor do paciente de lombalgia em função do seu sexo. Implicações para a prática quotidiana dos profissionais de saúde serão tecidas em função dos presentes resultados.

A IMAGEM CORPORAL DE INDIVÍDUOS COM PARAPLEGIA NÃO CONGÊNITA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Mariana Tavares de Campos (mari_tcampos@hotmail.com), Hilda Rosa Capelão Avoglia,
Eda Marconi Custódio, Monique Gianelli, & Francisca Yana Souza

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

A sociedade actual está organizada para indivíduos física, intelectual e sócio-emocionalmente perfeitos. Conseqüentemente, pessoas com deficiência encontram dificuldade em se adaptar. Estudos têm demonstrado que a condição física específica de deficientes interfere na formação de sua imagem corporal, compreendida como a síntese de experiências emocionais inter-humanas, vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais. Assim, este estudo tem como objetivo verificar a representação do próprio corpo em indivíduos com deficiência física, especificamente a paraplegia não congênita. Participaram do trabalho dois adultos jovens, do sexo masculino, com idades entre 20 e 25 anos, com paraplegia não congênita há cinco anos. Inicialmente foi realizada uma entrevista semi-estruturada e, posteriormente, a aplicação individual do Teste do Desenho da Figura Humana, conforme Van Kolck (1984). Os resultados indicaram, nos participantes, um conflito entre a expressão e o controle do impulso sexual, sendo o conflito representado pela divisão do corpo em zonas do tronco superior e inferior. Observou-se, ainda, que os sujeitos recorreram ao plano da fantasia buscando a satisfação que não alcançam na realidade, favorecendo o surgimento de mecanismos defensivos para minimizar suas dificuldades diante do próprio corpo. No que se refere à imagem corporal esta parece alterada e permeada por sentimentos de falta de confiança em si, passividade, nostalgia e desejo de obter aprovação social. O presente estudo pode fornecer subsídios para o desenvolvimento de uma intervenção multidisciplinar mais efetiva, bem como referendar ações psicológicas na área da deficiência, visando a adaptação desses indivíduos e a promoção de sua qualidade de vida.

PERSONALIDADE TIPO D E PATOLOGIA NA COLUNA VERTEBRAL

Catarina Severiano e Sousa (catarinaseveriano@gmail.com)¹,
José Pais Ribeiro², & Eduardo Pegado¹

¹Centro Hospitalar de Torres Vedras; ²FPCE, Universidade do Porto

A patologia da coluna vertebral suscita respostas e reacções físicas e psicológicas variadas, principalmente quando envolve tratamento cirúrgico. O modo como estes indivíduos se posicionam perante esta situação clínica é, de acordo com a nossa experiência e de outros investigadores, muito particular. O objectivo da presente investigação é comparar a personalidade Tipo D em doentes com patologia da coluna vertebral, com população equivalente sem doença. Participaram 55 indivíduos com patologia na coluna vertebral que foram operados há pelo menos oito meses, idade *M*=45,8 anos, 29% do sexo masculino, uma amostra sequencial que constituiu o grupo de estudo, e uma amostra intencional (para emparelhar com o grupo de estudo) de 55 indivíduos sem patologia na coluna vertebral, idade *M*=45,1 anos, 29% sexo masculino, que constituiu o grupo de comparação. Ambos responderam ao mesmo protocolo de investigação. A personalidade Tipo D foi avaliada com recurso ao Questionário de Personalidade Tipo D de Dennolet na versão revista de 14 itens distribuídos por duas dimensões. Os resultados mostram que os dois grupos se diferenciam de modo estatisticamente significativo, com o grupo doente